

O PROBLEMA DO FASCISMO NO PENSAMENTO DE DANIEL GUÉRIN, DELEUZE E GUATTARI COMO DESTRUIÇÃO DA POLÍTICA DEMOCRÁTICA NO CAPITALISMO

*THE PROBLEM OF FASCISM IN THE THOUGHT OF DANIEL
GUÉRIN, DELEUZE, AND GUATTARI AS THE DESTRUCTION
OF DEMOCRATIC POLITICS IN CAPITALISM.*

Edinho Benésio Santos

Instituto Federal do Tocantins, Brasil

Pedro Erginaldo Gontijo

Universidade de Brasília, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.151>

RESUMO: Este trabalho começou a ser construído a partir das aulas na disciplina de Filosofia Política¹, na UNB, 2024.1, cujas leituras sobre fascismo acenderam chamas para tentar entender melhor tal conceito e seus desdobramentos no campo político. Optou-se por trabalhar Daniel Guérin, Deleuze e Guattari, analisando as condições históricas e uma economia libidinal do desejo que busca compreender as crises do capitalismo como uma possível fonte que alimenta e garante a manutenção do movimento fascista, problematizando os valores axiomáticos que ele produz para atender aos interesses do mercado, instigando frente a isso a naturalização da violência como regra no campo social. É importante buscar entender a origem do movimento fascista e relacioná-lo com algumas práticas políticas conservadoras capitalistas exercidas no âmbito político. A intenção é mostrar de que modo tal movimento constitui uma ameaça direta à política democracia, colocando em risco a organização das instituições e a vida de muitas pessoas. Compreender esse fenômeno fascista implica compreender uma racionalidade que o move e o sustenta desde sua origem, ao mesmo tempo, como essa racionalidade foi se reinventando para atender as novas questões do mundo, mantendo o controle e repressões sociais. Por fim, a investigação toma como referências as seguintes obras: *Fascismo e o grande capital*, de Daniel Guérin e *O Anti-Édipo e Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari.



1 Ministrada pelos professores: Alexandre Bernadino Costa, Herivelto P. Souza e Roberto Freitas Filho.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo. Deleuze/Guattari. Fascismo. Guérin. Política

ABSTRACT: This work began to be constructed from classes in the Political Philosophy course at UNB, 2024.1, whose readings on fascism ignited a desire to better understand this concept and its unfolding in the political field. The chosen approach was to work with Daniel Guérin, Deleuze, and Guattari, analyzing the historical conditions and a libidinal economy of desire that seeks to understand the crises of capitalism as a possible source that feeds and guarantees the maintenance of the fascist movement, problematizing the axiomatic values it produces to serve the interests of the market, thus instigating the naturalization of violence as a rule in the social field. It is important to understand the origin of the fascist movement and relate it to some conservative capitalist political practices exercised in the political sphere. The intention is to show how this movement constitutes a direct threat to democratic politics, jeopardizing the organization of institutions and the lives of many people. Understanding this fascist phenomenon implies understanding the rationality that drives and sustains it from its origin, while also understanding how this rationality has reinvented itself to address the new issues of the world, while maintaining control and social repression. Finally, the investigation takes as references the following works: *Fascism and Big Capital*, by Daniel Guérin, and *Anti-Oedipus and A Thousand Plateaus*, by Deleuze and Guattari.

KEYWORDS: Capitalism. Deleuze/Guattari. Fascism. Guérin. Politics

Introdução

Deleuze e Guattari não dizem diretamente que o capitalismo é fascista, no entanto, nas obras *O anti-Édipo* e *Mil platôs*, os autores apresentam um conjunto de ideias que apontam o capitalismo como um sistema de produção que mobiliza várias formas de fascismo. Os autores começam, então, analisando o desejo e suas capturas, de modo a demonstrar que o capitalismo não reprime apenas de fora, mas é uma máquina que opera sempre por descodificação dos fluxos e por uma axiomática muito poderosa, criando condições para que as massas desejem sua própria dominação ou servidão. Daniel Guérin mostra que foi desse modo que o fascismo conquistou espaço na Itália e Alemanha, se apoiando em ideologias capitalistas neoliberais que usam técnicas de “docilização dos corpos”², ao mesmo tempo que sai em defesa de ideias que prolifera uma

2 Essa expressão pode ser encontrada e compreendida melhor a partir da seguinte obra:

política austera³ e violenta, retirando os direitos da classe trabalhadora e limitando seu espaço de reivindicações.

O trabalho busca mostrar a força do movimento fascista enquanto “projeto político” que não apenas coage seus adversários, como consegue tornar “dóceis” aqueles que estão céticos com as crises políticas do capitalismo e a decadência econômica. Frente a isso, cabe investigar o fascismo como um dos maiores problemas da filosofia política, buscando desse modo, entender sua gênese no mundo e sua manifestação nos tempos atuais. A partir disso, busca-se questionar como se desenvolve essa ideologia política, mostrando de que modo a vida social é atravessada por uma irracionalidade intrínseca, na qual, paradoxalmente, pode-se problematizar se no capitalismo os “dominados” que participam de movimentos fascistas são realmente traídos ou apenas aceitam as concessões.

As leituras de Daniel Guérin, Deleuze e Guattari podem ajudar a problematizar o “alojamento” e o florescimento do fascismo, assim como apontar elementos para combatê-lo. Fazer isso é responder os problemas que norteiam todo este trabalho: a origem do fascismo antecede o campo social? Por que as pessoas optam pela violência como saída para atenuar as crises econômicas e políticas? Por que as pessoas agem contra seus próprios interesses? A partir dessas questões, é importante atentar para um discurso moral reacionário que não comporta a diferença, mas prega, por meio de ações autoritárias e excludentes, o banimento da multiplicidade e a restrição da liberdade no campo político.

Por fim, o trabalho se divide em dois momentos: 1º problematizando a origem do fascismo e seus aspectos reacionários e conservadores a partir Deleuze e Guattari e Daniel Guérin; 2º o fascismo como movimento de destruição: uma reflexão a partir de Deleuze e Guattari e Daniel Guérin. O tema desenvolvido pode ajudar a compreender, do ponto de vista da gênese e alcance, o fascismo como um movimento de abolição que impede o diálogo e, portanto, uma política democrática.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organizado e traduzido por Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2004.

3 Para compreensão do termo austeridade como justificativa falaciosa do capitalismo para promover uma divisão de classe e, portanto, instaurar uma política fascista, recomenda-se o texto da autora: Clara E. M. *A ordem do capital: como os economistas inventaram a austeridade e abriram o caminho para o fascismo*. Universidade de Chicago: Londres, 2022. O capitalismo exige uma política austera que solapa completamente a esfera pública, operando sempre a favor de um pequeno grupo que controla o capital.

Problematizando a origem do fascismo e seus aspectos reacionário e conservador a partir de Deleuze e Guattari e Daniel Guérin

O fascismo é um dos maiores problemas da filosofia política. Entendê-lo implica identificar sua gênese e seu grau de nocividade. O grande desafio aqui consiste em investigar certos comportamentos que contribuem para germinar e fazer florescer tal fenômeno e, ao mesmo tempo, entender a partir da leitura do livro *Fascismo e grande capital*, de Daniel Guérin, as condições históricas que levaram ao desenvolvimento do fascismo, fazendo as pessoas renunciarem sua liberdade em nome da disciplina e obediência, abrindo espaço para o desejo⁴ enquanto repressão. A ideia de repressão é o foco principal das obras *O anti-Édipo* e *Mil platôs*, de Deleuze e Guattari, para pensar o fascismo como um movimento imanente do desejo no campo social, contrariando as ideias lacanianas rebuscadas de técnicas para pensar o desejo como falta⁵ e culpa dentro do capitalismo. Com isso, é importante compreender por que os indivíduos se deixam iludir e optam pela sua própria opressão⁶, o que implica dizer

4 Na obra *O anti-Édipo* (1972), Deleuze e Guattari reformulam profundamente o conceito de desejo que atravessou toda a tradição filosófica, deslocando-o da lógica da falta para a lógica da produção. Esse deslocamento, no entanto, provoca uma mudança expressiva, na qual o desejo aparece como uma força/potência produtiva e imanente à vida. O desejo é designado como produção, como fluxo criador, atravessado por máquinas sociais, políticas, econômicas e semióticas, o que leva a dizer que onde há produção da vida material também existe produção e mobilização do desejo inconsciente.

5 Deleuze e Guattari retributam esse conceito e buscam situá-lo no horizonte da própria sociedade, a ponto de defenderem que ao desejo nada falta. Segundo Lemos (2024, p. 129), “recusar a falta como princípio do inconsciente não significa deixar de pensar sobre a existência real de uma experiência subjetiva da falta ou dos fenômenos materiais de escassez; trata-se, na verdade, de situar a falta na ordem dos *efeitos* [...]. Pois, como veremos, é só no capitalismo que o desejo apresenta um liame tão íntimo com a falta, em virtude do modo como a produção de mais-valia é aí organizada, tendo por função essencial a produção da falta e da escassez no seio de recursos superabundantes”. O capitalismo retoma a concepção platônica e pensa o desejo como falta. Para Deleuze e Guattari (2011, p. 41), “de certa maneira, a lógica do desejo não acerta seu objeto desde o primeiro passo, aquele da divisão platônica que nos faz escolher entre *produção* e *aquisição*. Assim que colocamos o desejo do lado da aquisição, fazemos dele uma concepção idealista (dialética, niilista) que o determina, em primeiro lugar, como falta, falta de objeto, falta do objeto real”. Essa produção da falta contribui para o próprio sistema capitalista em investir no assujeitamento das pessoas, na sua canalização do desejo. Logo em seguida Deleuze e Guattari (op. cit., p. 45) explicam: “sabemos bem donde vem a falta — e o seu correlato subjetivo, o fantasma. A falta é arrumada, organizada, na produção social. É contraproduzida pela instância de antiprodução que se assenta sobre as forças produtivas e se apropria delas”. No capitalismo todos são culpados e todos são endividados. O capitalismo é uma religião universal e seus cultos se manifestam nas bolsas de valores, nos bancos, nas fábricas.

6 Para Reich (2001, p. 49), “milhões de pessoas apoiaram a sua própria opressão, o que representa

que o fascismo precisa ser analisado do ponto de vista de uma economia política libidinal. Assim, parece mais adequada qualquer ação que possa investir numa força do desejo contrária ao fascismo e elaborar estratégias para poder combater esse fenômeno.

A partir da leitura dos livros *Tratado teológico-político* e da *Ética* de Espinosa, Deleuze expõe as seguintes indagações: “por que o povo é profundamente irracional? Por que ele se orgulha de sua própria escravidão? Por que os homens lutam ‘por’ escravidão como se fosse sua liberdade? Por que é difícil não apenas conquistar, mas suportar a liberdade?”⁷. Além dessas perguntas, pode-se colocar uma outra a partir de *O Anti-Édipo* (2011): por que as massas desejaram o fascismo? Por meio dessas indagações, Deleuze e Guattari concluem que o problema do fascismo foi previsto por Espinosa dentro da filosofia política, a partir do conceito de superstição⁸, que inibe o desejo e aceita a servidão. Pela servidão o sujeito perde sua autonomia e se torna subserviente.

Os governantes criam superstições para manipular a população. E por superstição, entende-se as variações das paixões que envolve a dimensão religiosa, moral e política. É bom que os súditos sejam contagiados por tais fantasmas, pois desse modo, fazem tudo pela obediência. Vários casos citados logo no prefácio do *Tratado teológico-político* deixam claro a dimensão da superstição. Para Espinosa, “os homens só se deixam dominar pela superstição enquanto têm medo”⁹. Por isso, encontra-se a necessidade de pensar um poder teológico político, fazendo manobras, controlando os desejos e instaurando a servidão. Na verdade, a superstição representa uma “colonização” do desejo molecular que leva às pessoas a viverem de forma alienada, tendo que obedecer com medo do castigo forjado pelo Estado com base na religião.

O capitalismo resgata essa crença ancestral¹⁰ e coloca para as massas como uma necessidade, como uma promessa de uma vida melhor. As

uma contradição que só pode ser explicada de um ponto de vista de psicologia de massas, e não de um ponto de vista político ou econômico”.

7 DELEUZE, 2002, p. 15.

8 Para Santiago (2011, p. 112), “a superstição não é só a crença em fins, em livre-arbítrio, em prêmios e castigos; a sua grande originalidade é a sistematização desses elementos todos, e de tudo o mais que daí derivar, numa estrutura (*fábrica*) do real”. Noutro texto, o mesmo autor (Ibid., p. 15.) comenta: “[...]a superstição é sistema da adulação, de prêmios aos colaboradores e castigos aos renitentes; estabelece um circuito entre o governante e as classes que o apoiam de modo que se fortaleçam reciprocamente. O autoritarismo é tudo menos um fato isolado”.

9 ESPINOSA, 2004, p. 126.

10 Como salienta muito bem Walter Benjamin (2013, p. 21), “o capitalismo deve ser visto como

massas pouco sabem que, subjacente a essa intenção capitalista, encontra-se o desejo de controle e dominação. Para Guérin: “a grande astúcia do fascismo é exumar a forma mais antiga do sentimento religioso: o culto do homem providencial”¹¹. Na insegurança e desespero, os homens têm necessidade de encontrar um “salvador da pátria”, um enviado para resolver todos os problemas econômicos e políticos. Os fascistas entram em cena para suscitar a fé dessas pessoas.

A instabilidade de um país é a oportunidade de líderes fascistas investir em desejos violentos. O fascismo exerce uma política do recrutamento de pessoas desesperadas e desamparadas pelo próprio Estado. Para Guérin, “para além de certo grau de miséria, o homem já não raciocina, já não reivindica remédios lógicos para seus males, já não tem coragem de salvar-se por si mesmo. Espera um milagre. Clama por um salvador. Está pronto para segui-lo e sacrificar-se por ele”¹². Isso foi um retrato do fascismo na Itália e Alemanha, tentando construir uma narrativa para poder controlar os mais fracos e colocar o capitalismo como única alternativa. O fascismo se aproveita da desgraça das pessoas para poder controlá-las, tendo como fundamento a religião, que atesta a conquista do poder como vontade de Deus. Os que dominam se apropriam da religião não por acreditarem nela, mas como um instrumento, através da qual se elabora um discurso mais fácil de manipular as massas. E mediante tudo isso, encontra uma autoridade concedida por Deus para realizar o projeto de “salvação” da humanidade, um mito, um messias. Como diz Guérin: “a cada manhã e a cada noite, seus aduladores designam-no às multidões como o Eleito”¹³. Os homens personificam Deus na figura de um ditador.

Esse pensamento é muito atual, pois a extrema direita leva a sério essa narrativa, identificando o líder fascista como a própria pátria, sua representação viva e autêntica. Segundo Guérin, “o chefe desponta a partir de agora como a encarnação da nação; adorar o homem providencial é adorar a pátria; servir à pátria é servir ao chefe amado. Os fanáticos do chefe tornam-se automaticamente fanáticos da ideia nacional”¹⁴. O importante é a veneração ao Duce, Fuhrer, Trump e Bolsonaro, dentre

uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta”.

11 GUÉRIN, 2021, p. 76.

12 Ibid., p. 74.

13 Ibid., p. 77.

14 Ibid., p. 78.

outros. Todos esses ditadores precisam da força do povo, ou seus reinados podem entrar em decadência muito cedo. A massa acaba contribuindo para a manutenção do capitalismo e, portanto, do fascismo. Além de ser alienar na produção do trabalho, a massa aceita a servidão como condição natural.

Deleuze e Guattari encontram em Reich a explicação do desejo numa relação com campo social. A partir do desejo como servidão, Reich analisa os movimentos fascistas entre os anos de 1920 e 1930 e, em seguida, publica o livro *Psicologia de massas do fascismo*, em 1933, contexto em que aconteceu a ascensão dos nazistas ao poder na sociedade alemã. Nesse livro, Reich constrói uma hipótese a partir de uma análise de uma psicologia política¹⁵ dos princípios da economia sexual, segundo a qual o fascismo parece entranhado na condição humana, sendo cada indivíduo portador de sentimentos fascistas. Como expressa o próprio Reich: “as minhas experiências em análise do caráter convenceram-me de que não existe um único indivíduo que não seja portador, na sua estrutura, de elementos do pensamento e do sentimento fascista”¹⁶. Ora, isso leva a construir uma hipótese de que o fascismo não deve ser pensado como um fato isolado, como uma obra de um partido político, não é fruto apenas das ações do Hitler ou Mussolini, mas se origina através de uma estrutura irracional, temperada com elementos do misticismo, do medo, do patriarcalismo, do sexismo, do racismo, sede de autoridade, de intolerância, xenofobia, dentre outros. Tudo isso representam características expressadas e defendidas pela extrema direita atual, ainda que contrariam os princípios do direito.

Ao analisar *O Anti-Édipo*, Foucault atribui ao fascismo uma dimensão ampla. Segundo Foucault¹⁷, o fascismo é “não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini - que tão bem souberam mobilizar e

15 Segundo Reich (2001, p. 36), “a nossa psicologia política não poderá ser outra coisa que um estudo do “fator subjetivo da história”, da estrutura do caráter do homem numa determinada época e da estrutura ideológica da sociedade que ela forma”. É preciso apenas acentuar que em parte Reich discorda de Freud ao entender a repressão e o recalçamento da sexualidade como a base da sociedade, assim como percebe uma lacuna no pensamento marxista que não consegue buscar entender as motivações do desejo que leva o homem a aderir ao fascismo. Reich tenta refletir sobre a estrutura psíquica, buscar uma razão de como o fascismo opera. A economia social e economia sexual operam no interior da família autoritária, conservando os valores patriarcais.

16 REICH, 2001, p. 12.

17 Sobre a concepção de fascismo em Foucault, diz Lemos (op. cit., p. 19): “assim, Foucault destaca que, para Deleuze e Guattari, o fascismo não se reduz a uma experiência localizada historicamente e geograficamente, a uma forma de Estado ou a uma maneira específica de governar. Ele diz respeito, em primeiro lugar, a uma modalidade de investimento desejante que assombra o campo social como um risco sempre presente nas modernas sociedades capitalistas”.

utilizar o desejo das massas -, mas o fascismo que está em nós todos [...], O fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora”¹⁸. O fascismo parece alojado no interior de cada indivíduo. Com efeito, internalizar a lei como uma crença absoluta, querer tratamento diferenciado por conta de hierarquia, se colocar no direito de deliberar por outrem, querer silenciar os diferentes, ser militante fundamentalista, internalizar discursos paranoicos, venerar discursos totalizantes - são algumas formas costumeiras fascistas.

O fascismo carrega consigo uma série de sentimentos que levam os homens a agirem de modo irracional, ao mesmo tempo, molecular. A irracionalidade permite a inserção das superstições no mundo, abrindo caminho para a servidão, visto que ela opera com menor potência, por meio de uma moral que controla o modo de pensar, ser e agir dos indivíduos. Segundo Reich:

A inibição moral da sexualidade natural na infância, cuja última etapa é o grave dano da sexualidade genital da criança, torna a criança medrosa, tímida, submissa, obediente, “boa” e “dócil”, no sentido autoritário das palavras. Ela tem um efeito de paralisação sobre as forças de rebelião do homem, porque qualquer impulso vital é associado ao medo; e como sexo é um assunto proibido, há uma paralisação geral do pensamento e do espírito crítico. Em resumo, o objetivo da moralidade é a criação do indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária, apesar do sofrimento e da humilhação. Assim, a família é o Estado autoritário em miniatura, ao qual a criança deve aprender a se adaptar, como uma preparação para o ajustamento geral que será exigido dela mais tarde¹⁹.

Na família²⁰, assim como no capitalismo, existe uma autoridade que exerce o poder sobre os filhos para serem obedientes. Ao se subordinarem

18 FOUCAULT, 2004, p 05.

19 Idem, p. 45.

20 Para Deleuze e Guattari, (Idem, p. 46-47), “tanto a moralidade sexual, que inibe o desejo de liberdade, como aquelas forças que apoiam interesses autoritários, tiram a sua energia da sexualidade reprimida. Agora, compreendemos melhor um ponto fundamental do processo do “efeito da ideologia sobre a base econômica”: a inibição sexual altera de tal modo a estrutura do homem economicamente oprimido, que ele passa a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais”. Seguindo essa lógica, contribui ricamente para o debate Frederico Lemos (op. cit., p. 58-59): “em suma, para Reich, é na família que a repressão e o recalçamento da sexualidade preparam o terreno para aquilo que mais tarde será exigido do adulto diante da opressão social a que será submetido. Pois, caso o indivíduo e os grupos fossem apenas submetidos à repressão da satisfação de suas necessidades materiais, eles tenderiam a se revoltar contra essa. Mas a repressão sexual cria uma situação tal que impede que os indivíduos se rebellem contra as duas espécies de repressão, na medida em que eles têm seus impulsos sexuais reprimidos, inibidos e recalçados, modulados segundo uma moral autoritária da submissão, da obediência, a despeito de todo sofrimento e humilhação que experimentem. O desejo de

ao pai, as crianças estão se subordinando à própria autoridade divina que pode perfeitamente determinar o certo e errado, mesmo na contramão da natureza desejante de cada pessoa. Esse desejo recalcado contribui para a passividade da personalidade humana. Além de serem recalçadas desde a infância, a criança também é treinada para competir, o que pode alimentar entre elas e outras pessoas uma relação permeada pelo ódio, ganhando espaço na esfera social no geral. A razão da sexualidade ser reprimida é que ela contribui para a manutenção do poder dominante, a fim de evitar quaisquer tipos de revoluções no campo social que vá contra os valores morais pré-estabelecidos. A moral com isso, acaba criando um sujeito submisso, pronto para obedecer a autoridade no campo social.

Para Deleuze e Guattari, a repressão sexual é operada no campo social pelo capitalismo, produzindo efeitos conservadores e reacionários, uma vez que impede a sexualidade de realizar seus desejos, tentando compensá-los de outras formas, ou seja, acreditando que a moral capitalística orienta o homem no caminho do bem, que reproduz continuamente as regras estabelecidas desde criança. Isso pode resultar numa forma de castração do desejo, assim como é explicado em Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*. No entanto, é preciso ter muito cuidado quanto a isso, pois pode resultar desse processo subjetividades reacionárias.

Deleuze e Guattari estão de acordo que Reich abre caminhos para uma psiquiatria materialista, no entanto, ele restringe a atividade da psicanálise ao campo irracional e, portanto, negativo, mantendo uma dicotomia entre economia do desejo e economia política. Para Deleuze e Guattari, “[...] Reich não chega a dar uma resposta suficiente, porque restaura o que pretendia demolir, ao distinguir a racionalidade tal como ela é ou deveria ser no processo da produção social, do irracional no desejo, situando apenas este como passível de psicanálise”²¹. A intenção de tais autores é suprimir essa dicotomia, considerando uma economia política libidinal. Como expressam Deleuze e Guattari: “a economia libidinal não é menos objetiva do que a economia política, e a política não é menos subjetiva do que a libidinal, se bem que ambas correspondam a dois diferentes modos de investimentos da mesma realidade social”²². O desejo está relacionado sempre ao campo social, o que implica uma inadequação

liberdade e revolução é reprimido e recalcado, marcado pelo signo da proibição moral”. Essa inibição sexual pode levar as pessoas a agirem renunciado seus próprios direitos.

21 Op. cit., p. 47.

22 Idem., p. 458.

pensar a produção social de um lado e a produção desejanse de outro²³. Para Deleuze e Guattari, não existe de um lado, “uma produção social de realidade, e, de outro, uma produção desejanse de fantasma”²⁴. Na verdade, a produção desejanse é também a produção social.

Deleuze e Guattari fazem um estudo genealógico do desejo no capitalismo e mostram seu caráter edipiano, isto é, o capitalismo coloca como necessidade a repressão do desejo para poder se manter do ponto de vista econômico. Desse modo, o capitalismo está disposto não só produzir fluxos do desejo, como também se reterritorializar, ou seja, é próprio do capitalismo codificar e descodificar os códigos. Depois de 1968, Deleuze e Guattari retomam a teoria do desejo a partir de Reich. Assim como Reich, os autores mencionados se perguntam: por que as massas desejam o fascismo? O desejo não é uma superestrutura, como salientavam os marxistas, mas a matriz produtiva de toda história. O desejo é o princípio imanente que não se separa de seu efeito. O modo de produção da vida material é um modo de existência.

O fascismo ascende vendo o fantasma do comunismo em todas as partes, com repressões violentas, representando uma crise sociopolítica e, ao mesmo tempo, a desumanização do homem. Os grandes patrocinadores do fascismo na Itália defendem, de certa forma, o fascismo e liberalismo econômico, a ideia de propriedade privada e a iniciativa individual como marcas dessas ideologias políticas que se convergem para atender os interesses do capital.

Dizer que o movimento fascista nasceu na Itália (em 1910 e se fortaleceu em 1922) é uma verdade objetiva do ponto de vista historiográfico, mas isso ainda não é suficiente para combatê-lo de um modo mais efetivo, pois se observa os efeitos e não as causas que os produziu e que precisam realmente ser evitadas. A despeito disso, Reich diz que: “o fascismo não é um partido político, mas uma certa concepção de vida e uma atitude perante o homem, o amor e o trabalho”²⁵. Essa ideia do “fascismo como concepção de vida” atravessa os livros *A doutrina do fascismo*²⁶ (1932), de

23 A partir das leituras de Deleuze e Guattari, Lemos (op. cit., p. 64), chega à seguinte conclusão: “só há uma produção, numa ponta desejanse e na outra social; só há uma única economia, tanto sexual quanto política e social”

24 DELEUZE E GUATTARI, p. 45-46.

25 Op. cit., p. 18.

26 MUSSOLINI, B.; GENTILE, G. *A doutrina do fascismo*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Mussolini²⁷, assim como o *Mein Kampf*²⁸ (1925), de Hitler. Visto dessa maneira, cabe a seguinte pergunta: de que forma o fascismo pode ser representado, já que se trata de um modo de vida? O fascismo não pode ser designado ou representado como um partido ou ideologia política. Mesmo num “sistema democrático neoliberal”, é possível perceber práticas fascistas.

Segundo Fresu, “o fascismo é um fenômeno tipicamente italiano, nascido de causas precisas, devidas à profundidade da crise europeia antes e depois da Primeira Guerra Mundial, mas a sua influência vai bem além desta realidade histórica e geográfica”²⁹. Essa explicação é útil para entender as condições em que o fascismo aconteceu, mas não para combater tal fenômeno na sua origem. Subjacente ao fascismo estão os conceitos de misticismo, patriotismo, ódio ao inimigo, como sentimentos que faz brotar esse movimento conservador, reacionário e destrutivo.

O fascismo, mesmo sendo um movimento sórdido, conseguiu atrair para si pessoas da classe média, que viu seus direitos ameaçados pelos movimentos populares. Frente as contradições do desenvolvimento econômico na Europa, após a Primeira Guerra Mundial, e o medo do socialismo e comunismo ascenderem, a burguesia adotou comportamento patológicos, criando inimigos imaginários, estendendo isso como verdade para a grande massa, a fim de conseguir apoio popular e instaurar seu projeto violento de poder pela pequena e média burguesia.

O fascismo como movimento de destruição: uma reflexão a partir de Deleuze e Guattari e Daniel Guérin

O fascismo foi e é um movimento que recebe todo o suporte do capitalismo. Na obra *Mil platôs*, o fascismo é designado como um movimento canceroso, de abolição, presente tanto na religião, moral e política. Deleuze e Guattari concebe o fascismo como “tecido canceroso: a cada instante, a cada segundo, uma célula devém cancerosa, louca, prolifera e perde sua figura, apodera-se de tudo”³⁰. O fascismo é um corpo canceroso que faz proliferar seu próprio estrato, ou seja, esse corpo pode

27 É importante ressaltar, Mussolini participou do Partido Socialista, e depois funda o partido Nacional Fascista.

28 HITLER, A. *Mein Kampf*. Lisboa: Ed. Guerra e Paz, 2016.

29 FRESU, 2017, p. 27.

30 DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 29

se expandir de modo destrutivo, envolvendo mortes em nome de uma experimentação, de uma promessa de libertação.

Deleuze e Guattari condenam toda forma de violência possível, no entanto, parece compreender o fascismo diferente do stalinismo e ditaduras. Para Lemos, “o fascismo, ao contrário, parece ter mais afinidade com o plano micropolítico e diz respeito a algo que escapa ao Estado: é um fenômeno de massas, com seus focos moleculares e suas *máquinas de guerra* instaladas em cada “buraco negro” do campo social”³¹. O fascismo se expande molecularmente³² no campo social. Se no primeiro momento o fascismo começou combatendo o comunismo, seu “veneno” se estendeu de forma incontável, atacando diversos grupos sociais na Itália e Alemanha, e atualmente aparecendo em diversos países do mundo com a expansão da política neoliberal, através de discursos conservadores e individuais, levando as pessoas a experimentarem um modo de vida que as fazem imaginarem “empresas de si mesmas”, numa competição violenta, mas ao mesmo tempo, por meio de uma lógica que controla os corpos de forma dócil.

O fascismo como movimento reacionário e conservador que aparece no livro *O anti-Édipo* é alargada em *Mil platôs* como um movimento molecular, proliferando e intensificando o desejo de abolição. Trata-se de uma desterritorialização que pode penetrar em camadas da sociedade contagiando e proliferando a violência de todas as formas. Para D’angelo, “o velho fascismo e o atual consideram a esquerda como o grande inimigo a ser destruído, cultuam a violência, têm um discurso aparentemente crítico e ao mesmo tempo conservador, declaradamente racista, misógino, homofóbico e referenciado na família patriarcal”³³. O fascismo não é apenas um símbolo de poder, ele é a representação de decomposição das relações e, portanto, o risco de destruição e aniquilamento da própria vida.

O fascismo na Itália e Alemanha foi uma ação violenta do capitalismo, que arregimentou e controlou as massas para atender aos interesses de um Estado totalitário. E essa tática de arregimentar pessoas

31 Op. cit., p. 268.

32 O termo molecular tem a ver com a noção de desestratificação e desterritorialização em Deleuze e Guattari. Mas o interessante aqui é que a expressão é mostrada para entender a dimensão que tomou o fascismo, indo além de uma concepção molar, estratos estabelecidos, identidades. Para Lemos (op. cit., p. 226), “o perigo de uma mutação fascista do desejo, mutação ‘cancerosa’, é nomeado em *Mil platôs* como o principal perigo que assola a relação desejo-campo social, e é elaborada uma análise específica e mais aprofundada do fascismo, pensando-o tanto no nível dos ‘microfascismos’ quanto no nível dos ‘macrofascismos’”.

33 D’ANGELO, 2021, p. 117.

para trabalhar em prol do regime fascista começava a ser ensinado desde a infância, colocando como necessidade os desejos da classe dominante. Importava, pois, investir numa educação que contemplasse a crença, a obediência e a defesa da nação, sendo capaz, no entanto, de entregar sua própria vida em nome da ideologia fascista. Nesse sentido, trata-se de um projeto que não visa preservar e melhorar a qualidade de vida dos operários, mas defender os lucros dos capitalistas.

Para realizar seu projeto de poder, o capitalismo fascista tenta financiar o exército e a polícia para trabalhar a seu favor. Desse modo, existe toda uma articulação. Segundo Guérin, “os magnatas da indústria pesada, os dirigentes da indústria leve e os grandes proprietários rurais concordaram, desde o início de 1922, em levar o fascismo ao poder”³⁴. De modo semelhante, no Brasil, a extrema direita já patrocinou práticas fascistas em vários momentos, a saber: com Plínio Salgado como precursor da Ação Integralista Brasileira³⁵, em 1932 (defendendo a ideologia fascista, utilizando o lema: “Deus, pátria e família”), o Impeachment da presidente Dilma Rousseff (2016), a política exercida pelo bolsonarismo (2018 a 2022) com tentativa de destituição do Supremo Tribunal Federal, a fim de manipular o resultado nas eleições, culminando no ato do dia 08 de janeiro de 2023.

Essas experiências fascistas suscitam uma investigação se realmente existe uma irracionalidade que impera a ponto de muitos da classe operária aplaudirem esses momentos de destruição. Por esta razão, todo cuidado é pouco, como diz Lemes: “pouco adianta ridicularizar, lamentar ou rir do misticismo e das superstições que estão na base de todo fascismo, porque isso em nada nos ajuda a compreender o fascismo e nem a combatê-lo em termos práticos”³⁶. O bolsonarismo no Brasil é prova viva do que está sendo dito, ou seja, pessoas vulneráveis começaram a defender os interesses daqueles que os oprimem, renunciando seus próprios direitos. Na verdade, arregimentam os trabalhadores como máquinas a serviço do capital.

Os operários devem agir para atender aos interesses das empresas e não comprometer a lógica capitalística. A vontade patronal deve prevalecer, enquanto a repressão e abolição das minorias são práticas fascistas constantes. O total descuido contra os povos originários no Brasil,

34 Op. cit., p. 134.

35 A AIB foi um movimento que apareceu no Brasil a partir dos anos de 1930. Mais precisamente, foi fundado pelo jornalista Plínio Salgado em 1932, carregando no seu bojo ideias tipicamente fascistas.

36 Op. cit., p. 57.

a negação dos valores religiosos de matrizes africanas, o ódio às cortas nas universidades públicas, a negação da diversidade, do racismo, - tudo isso são práticas fascistas que negam o princípio da alteridade como condição de estabelecer relações afetivas e garantir os direitos fundamentais de cada cidadão.

Deleuze e Guattari se debruçam profundamente no estudo do fascismo dentro do capitalismo, mostrando de que modo a pessoa é explorada, manipulada e privada de sua liberdade, a ponto de desconhecer sua função no campo social. Tais autores não se conformam apenas em identificar a origem do fascismo, como também apontam meios para tentar barrá-lo. Três perguntas podem ser feitas a partir de *O anti-Édipo* e *Mil Platôs*: como fazer para não ser fascista? Como deixar de acreditar em tiranos e produzir práticas revolucionárias e criativas? Como exterminar o fascismo que habita nosso ser? Reich aponta uma perspectiva quando diz que: “a queda da nossa civilização é inevitável se os trabalhadores, os cientistas de todos os ramos vivos (e não mortos) do conhecimento e os que dão e recebem o amor natural, não se conscientizarem, a tempo, da sua gigantesca responsabilidade”³⁷. Cada um deve se sentir responsável naquilo que faz para não deixar o fascismo florescer. É a potência ativa do desejo que deve se posicionar contra tudo que diminui e faz a vida fraca e escrava do capitalismo.

Deleuze e Guattari mostram o assujeitamento dos indivíduos no capitalismo. A humanidade das pessoas é roubada por aqueles que ditam a normas e querem a todo custo o poder. Para Guérin, “o fascismo conquistou o poder. Seus financiadores atingiram seus objetivos: aniquilar a democracia parlamentar, exterminar o proletariado organizado, instaurar um Estado autoritário capaz de impor suas vontades e elevar seus lucros”³⁸. Pensando nos seus interesses, os grandes capitalistas entregam o poder a Hitler. Na verdade, são os magnatas capitalistas que oferecem o apoio aquele que vai promover a maior barbárie na história, agindo na cooptação de pessoas desorientadas, descontes com a situação alemã naquele momento. Nesse momento, ser bom e normal consiste em agir de acordo com os interesses do capital.

Para Guattari, “o capitalismo se apodera dos seres humanos por dentro. Sua alienação pelas imagens e ideias é apenas um dos aspectos de um sistema geral de servomecanismo de seus meios fundamentais

37 Op. cit., p. 14.

38 Op. cit., p. 153.

de semiotização, tanto individuais quanto coletivos”³⁹. Esse domínio sobre as pessoas pela linguagem pode torná-las cegas diante do real. Os trabalhadores não conseguem encontrar outra saída a não ser atender aos interesses do mercado. Itália e Alemanha representou muito bem uma luta por fazer valer os princípios do capitalismo. A vitória de Hitler na Alemanha representou a retomada do capitalismo depois da crise de 1929.

O capitalismo se fortalece pela mais-valia, conceito já presente na filosofia marxista, para significar acúmulo de capital a partir das horas excedentes de trabalho, as quais tornam mais lucrativos os ganhos dos grandes capitalistas. Somente na sociedade capitalista a família se torna privatizada. A família vai ser a primeira a separar o desejo de seu processo, neurotizar a criança para atender aos interesses da reprodução capitalista. O capitalismo tende a castrar desde cedo as crianças, ou seja, diminuindo a intensidade de seus corpos sem órgãos⁴⁰, através de todas as proibições possíveis, sendo controladas.

A proibição não é apenas a castração do desejo, é também a própria fonte ou máquina que gera a alienação. E o organismo não é o corpo, mas uma forma de docilizar o corpo, estratificar, a fim de ser produtivo para trabalhar em prol do capitalismo. Para Deleuze e Guattari, “Édipo e a castração formam a estrutura imaginária sob a qual os membros do grupo sujeitado são determinados a viver ou fantasmear individualmente sua pertença ao grupo”⁴¹. Desse modo, as forças produtivas desejanter vão começar agir a serviço do sistema capitalista. Para Deleuze e Guattari, “somos todas pequenas colônias, e é Édipo que nos coloniza”⁴². Édipo não encontra sentido senão numa autoridade moral, representando todo um processo de produção e assujeitamento.

39 1985, p. 205.

40 Deleuze e Guattari retomam Arthur e Espinosa para explicar essa expressão. Corpo sem órgão contrapõe ao organismo. Segundo Deleuze e Guattari (2012, p. 24), “o organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”. O organismo são todas as instituições que aprisionam a vida, é signo de poder que aparece para se impor sobre o corpo sem órgão, podendo ser a igreja, a escola, a prisão, o psicanalista, dentre outros. O sistema do julgamento de Deus está aí para impedir o movimento de experimentação. Já o corpo sem órgãos é ligado através de afetos. Existe uma ideia de corpo na obra *Mil platôs* que contrapõe a ideia de forma. O corpo deve ser pensado como potência, e não como organização funcional. O que define o corpo é sua potência.

41 Op. cit., p. 90.

42 Ibid., p. 352.

Segundo Guattari, “o capitalismo é obrigado a construir e impor seus próprios modelos de desejo, e é essencial para sua sobrevivência que consiga fazer com que as massas que ele explora os interiorizem”⁴³. É a lei do dinheiro regendo tudo, exigindo dos indivíduos a incorporação dos seus desejos em vista de produzir e lucrar em grande escala. O desejo não produz apenas aquilo que é positivo ao longo da história. Para Deleuze e Guattari, “não, as massas não foram enganadas, elas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias, e é isso que é necessário para explicar, essa perversão do desejo gregário”⁴⁴. O desejo vem primeiro, depois vem os interesses. As pessoas que desejaram isso não significa dizer que elas são más. O desejo é produzido. O capitalismo consegue produzir desejos que agregam não apenas a classe dominante como também os oprimidos. E tal desejo, quando se prolifera de modo fascista, pode levar a morte. Novamente Deleuze e Guattari explicitam: “o desejo vai até aí: às vezes desejar seu próprio aniquilamento, às vezes desejar aquilo que tem o poder de aniquilar. Desejo de dinheiro, desejo de exército, de polícia e de Estado, desejo-fascista, inclusive o fascismo é desejo”⁴⁵. O capitalismo acaba determinando diretamente o modo de viver, sentir e pensar das pessoas. É o esvaziamento de toda a potencialidade da vida.

Segundo Guéron, “na prática, no dia a dia de um *socius* capitalista, não é difícil de observar isso: o capital está sempre a dizer que só existe a produção graças a ele, só existe empregos graças a ele, só existe desenvolvimento científico e tecnológico, e mesmo prosperidade, graças a ele”⁴⁶. Isso leva a dizer que o capital foi praticamente divinizado. Desse modo, o dinheiro é o Absoluto, a representação da vida. De novo Guéron insiste que “quando o capital atribui toda a produção a si, quando faz todo o trabalho se tornar ‘seu’ como que ‘por encanto’ essencializa e mistifica cinicamente seu lugar de uma espécie de produtor universal — capital-Deus [...]”⁴⁷. Nada pode parar a força do capital, nem mesmo o risco da vida. O capitalismo se mostra apenas como conservação dos que se escondem atrás de formas de divindades, produzem leis e ficam às sombras delas, manipulando por despeito os ideais bons e penalizando seus contrários.

A pretensão do capitalismo é controlar os fluxos descodificados. A ideia de fluxo descodificado existia na sociedade primitiva. O que acontece?

43 Op. cit., p. 88.

44 Op. cit., p. 47.

45 DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 32.

46 GUÉRON, 2017, p. 286.

47 Ibid., p. 273.

Fluxo descodificado ameaça a acumulação do capital. Por isso, o Estado vai adicionando vários valores, mas sempre com pretensões de tirar vantagem em tudo que faz. O Estado consegue regular de tal forma que as pessoas continuam trabalhando para a produção do capital. Para Guattari, “o capital controla, sobrecodifica a produção, dominando os fluxos monetários e exercendo um poder de coerção no quadro das relações de produção e do capitalismo monopolista de estado. O mesmo gênero de problema se coloca com o socialismo burocrático”⁴⁸. O capitalismo se reinventa a todo momento, está sempre produzindo algo diferente. Conquanto, a força do capital é capaz de reduzir o homem a uma mera mercadoria, vendo-o apenas como instrumento nas mãos daqueles que detém o poder, pois, uma vez que são pagos, seus serviços não lhes pertencem. O que prevalece é a lógica da exploração. Essa axiomática mudou de cenário pela descentralização dos bens do antigo poder despótico para as mãos dos grandes burgueses.

Finalmente, o capitalismo fomenta nos indivíduos a noção de culpabilidade. Para Deleuze e Guattari é como se as pessoas tivessem uma dívida para com o sistema capitalista. Existe sempre uma cobrança ao sujeito, de modo a fazer com que ele interiorize certos valores que são próprios de uma classe que domina. É uma forma de inibição introjetada na mente das pessoas que passa a atuar.

Considerações finais

Ao longo do percurso, o trabalho abordou os riscos do fascismo e os desafios para combatê-lo. É um movimento de massa que carregue consigo ideias muito confusas e contraditórias, prezando pelos interesses burgueses e deixando de praticar uma política que visa aos interesses coletivos. Mesmo sendo um recorte, a intenção do trabalho foi explorar o conceito de fascismo de modo mais amplo, podendo habitar nos corações de todos os homens. Os microfascismos representam formas de subjetivação da sociedade capitalista. Para Reich, “o fascismo só pode ser vencido se for enfrentado de modo objetivo e prático, com um conhecimento bem fundamentado dos processos da vida”⁴⁹. A repressão violenta aos movimentos populares e de esquerda foi uma das marcas tenebrosas na Itália e Alemanha.

O fascismo atualmente é um fenômeno exercido às claras. É um movimento que cria organizações, fabricam uma moral, cooptam pessoas e

48 GUATTARI, 1985. p. 21.

49 Op. cit., p. 13.

exercem o poder, a fim de “docilizar os corpos” e tornar as pessoas alienadas. A abordagem do fascismo neste artigo ficou centrado no capitalismo que, tendo apoio da classe dominante, aplica a violência quando lhe convém. É um processo de reterritorialização e desterritorialização nunca visto. Ele não consegue esconder seus limites intensivos e extensivos, colonizando a vida e a natureza no geral. E não adianta ser antifascista propagando violência. A educação aponta caminhos melhores. E quando isso não funciona, é preciso insistir nas leis como forma de punição aqueles (as) que promovem o caos e abolição da própria vida. Renunciar às leis é colocar a democracia em risco.

Em pleno século XXI, depois de terem visto e até experimentados situações autoritárias que culminaram em práticas fascistas no Brasil e no mundo, as pessoas não podem aceitar figuras tirânicas, ou mesmos criarem déspotas como salvadores da pátria. No Brasil, isso aconteceu nos últimos anos. E mesmo na situação caótica em que passa o país, muitas pessoas não estão dispostas a reconhecer que podem sonhar para além de decisões que consolidou um regime autoritário com práticas fascistas visíveis. Um Estado fascista representa a morte da educação, da cultura, do meio ambiente, da diversidade, dos direitos conquistados pelos movimentos populares no geral. Na ausência de um olhar atento, acontece o verdadeiro banimento da multiplicidade e a restrição da potência como força de mudança e transformação social.

Assim, pois, amparadas pelo direito, é preciso que as pessoas sejam protegidas do fascismo, por se tratar de um fenômeno perigoso que tende a naturalizar a desigualdades, a discriminação e preconceito de classe, a discriminação e preconceito religioso, a discriminação e preconceito de sexo, discriminação e preconceito racial, impedindo a ética e a política democrática. Toda política fascista representa o exercício da crueldade.

Referências

BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. Trad. Nélio Schneider e Renato Ribeiro Pompeu. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

D'ANGELO, Martha. Sociedade de classes e fascismo. REBUÁ, Eduardo; COSTA, Reginaldo; GOMES, Rodrigo Lima R.; CHABALGOITY, Diego, *(Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

DELEUZE, G. *Cursos sobre Espinosa*. Trad. Emmanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jerffesson Alves de Aquino. Fortaleza: EdUECE, 2019.

DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2, vols. 1, 2, 3, 4 e 5. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

ESPINOSA, B. *Ética*. São Paulo: EdUSP, 2018.

ESPINOSA, B. *Tratado teológico-político*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

FOUCAULT, M. “O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista”. *Cadernos de Subjetividade* / v. 1, n. 1. São Paulo: PUC-SP, 1993.

FRESU, Giovanni. *Nas trincheiras do ocidente: lições sobre fascismo e antifascismo*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017.

GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUÉRIN, Daniel. *Fascismo e grande capital*. Trad. Lara Cristina de Malimpensa. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2021.

GUÉRON, R. *Capitalismo, desejo & política: Deleuze e Guattari leem Marx*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2017.

LEMOS, Frederico Pacheco. *Desejo de repressão e paixão de abolição: o problema do fascismo em Deleuze e Guattari*. Tese (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2024.

REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTIAGO, H. “Superstição e ordem moral do mundo”. In: *Entre liberdade e servidão*. Tese de livre docência (Departamento de Filosofia, FFLCH). São Paulo: USP, 2011.